

MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO E PROTAGONISMO SOCIAL: A DINÂMICA EM REDE DA UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

INFORMATION MEDIATION AND SOCIAL PROTAGONISM: THE NETWORK DYNAMICS OF THE FREE FEMINIST UNIVERSITY

Joelma da Silva Oliveira¹
Gisele Rocha Côrtes²

Resumo: Este estudo tem como objetivo investigar o impacto das tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) no cotidiano das mulheres, com ênfase na promoção do protagonismo social e na mediação consciente da informação. Fundamentado nos campos da Ciência da Informação, Mediação da Informação e Protagonismo Social, o artigo analisa como as desigualdades de gênero e econômicas afetam o acesso e uso das TDIC por parte das mulheres. No contexto atual, as TDIC desempenham um papel fundamental no empoderamento das mulheres. Um exemplo é a Universidade Livre Feminista (ULF), uma iniciativa colaborativa que utiliza o ambiente digital para empoderar mulheres de diversas regiões do país, sem distinção de raça, classe social, identidade de gênero ou faixa etária. A ULF promove o compartilhamento e a mediação da informação por meio de cursos, eventos e atividades que estimulam o protagonismo social das mulheres. No entanto, as questões econômicas ainda representam um obstáculo significativo para muitas mulheres, especialmente aquelas em situação de vulnerabilidade econômica, no acesso às TDIC e, por conseguinte, à informação. Além disso, as desigualdades de gênero historicamente construídas e os estereótipos também contribuem para dificultar o acesso das mulheres à internet e à informação. O estudo adota uma abordagem qualitativa para compreender a perspectiva das participantes sobre a relação entre mediação consciente da informação, acesso às TDIC e protagonismo social das mulheres. A coleta de dados envolve pesquisa bibliográfica e documental, com foco nos materiais disponíveis no portal da ULF. Em suma, este artigo contribui para a compreensão das dinâmicas de acesso à informação e empoderamento feminino, destacando a importância das TDIC e da mediação consciente da informação como ferramentas essenciais no fortalecimento do protagonismo social das mulheres em um contexto de desigualdades persistentes.

Palavras-Chave: Mediação da Informação. Universidade Livre Feminista. Protagonismo Social.

¹ Doutora em Ciência da Informação (UFPB). Universidade Federal da Paraíba. E-mail: joelmaso@hotmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2126-1309>.

² Doutora em Ciências Sociais (UNESP). Universidade Federal da Paraíba. E-mail: giselerochacortes@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6843-4938>.

Abstract: *This study aims to investigate the impact of digital information and communication technologies (ICT) on the daily lives of women, with an emphasis on promoting social empowerment and conscious information mediation. Grounded in the fields of Information Science, Information Mediation, and Social Empowerment, the article examines how gender and economic inequalities affect women's access to and use of ICT. In the current context, ICT plays a fundamental role in empowering women. An example is the Free Feminist University (ULF), a collaborative initiative that uses the digital environment to empower women from various regions of the country, without distinction of race, social class, gender identity, or age. ULF promotes the sharing and mediation of information through courses, events, and activities that encourage women's social empowerment. However, economic issues still pose a significant obstacle for many women, especially those in economically vulnerable situations, in accessing ICT and, consequently, information. Additionally, historically constructed gender inequalities and stereotypes also contribute to hindering women's access to the internet and information. The study adopts a qualitative approach to understand participants' perspectives on the relationship between conscious information mediation, access to ICT, and women's social empowerment. Data collection involves bibliographic and documentary research, focusing on materials available on the ULF portal. In summary, this article contributes to understanding the dynamics of information access and women's empowerment, highlighting the importance of ICT and conscious information mediation as essential tools in strengthening women's social empowerment in a context of persistent inequalities.*

Keywords: *Information Mediation. Free Feminist University. Social Empowerment.*

1 INTRODUÇÃO

O uso das tecnologias no cotidiano, especialmente das mulheres, continua sendo um desafio, considerando os fatores que privilegiam, por exemplo, os homens em relação ao acesso e uso das ferramentas disponíveis seja no âmbito do trabalho ou do lazer. Nesse percurso, “entre os desafios encontrados no nosso caminho estão as profundas desigualdades que atravessam a vida das mulheres e o seu acesso às tecnologias” (Branco, 2020, p.13).

Mas as mudanças impostas pela configuração em que as tecnologias da informação e comunicação se apresentam hoje, os ambientes formativos destinados às mulheres promovem, notadamente, impactos que vão de encontro à tradicional perspectiva no acesso à informação. Aspectos que buscamos reforçar

com a discussão no presente artigo, na perspectiva do estudo da mediação consciente da informação e sua conexão com o protagonismo social das mulheres.

Infelizmente as questões econômicas ainda são responsáveis pela apropriação do uso das ferramentas tecnológicas. Mesmo com a popularização do acesso à Internet, não são todas as pessoas que têm a possibilidade de tomar parte desse movimento (Mayer, 2017, p.13). E as mulheres assim como grupos mais vulneráveis sofrem com a dificuldade ao acesso às tecnologias e conseqüentemente pela falta de informações. Porque são as mulheres que, “[...]como outros grupos sociais vulneráveis e marginalizados, são afetadas pela falta de informação de forma desproporcional” (Paes, 2016, p.7).

Os aspectos econômicos se apresentam como empecilhos para a maioria das pessoas que vivem em situação de vulnerabilidade econômica, sobretudo as mulheres que enfrentam outros impedimentos para acesso às questões fundamentais como a informação. Isto porque como afirma Branco (2020, p. 15) “As desigualdades de gênero e os estereótipos historicamente construídos sobre as mulheres também são fatores que acentuam as dificuldades do nosso acesso à internet”. A afirmativa é reforçada por Paes (2016) ao discorrer sobre o empoderamento econômico e a limitação de oportunidades oferecidas às mulheres para que tenham o direito à informação garantido.

As tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) estão dentro do universo do ensino e aprendizagem e abarca um contexto que vai além do ensino formal nas escolas ou universidades. Cada vez mais grupos e movimentos sociais se utilizam destes recursos de aprendizagem, como também de interação para promover o empoderamento das pessoas envolvidas, a exemplo da Universidade Livre Feminista (ULF), uma iniciativa realizada por meio da ação colaborativa de organizações feministas que tem sua atuação vinculada ao uso do ambiente digital aberta às mulheres de todas as regiões do país, sem distinção de

raça-etnia, classe social, identidade de gênero e faixa etária. A ULF favorece distintos grupos de participantes, considerando a importância de experiências, sobretudo em rede, que comungam de metodologias feministas.

A ULF é um projeto feminista, construído de forma coletiva e colaborativa, que tem contribuído para “a reflexão e troca de experiência baseadas em práticas pedagógicas libertárias e transformadoras para as mulheres” (Universidade Livre Feminista, 2022). E por isso é responsável por um processo formativo realizado pelo compartilhamento e mediação da informação, por meio dos cursos, eventos e atividades que estimulam práticas com foco no empoderamento das mulheres.

Sendo assim, o foco deste artigo é apresentar a dinâmica, em rede, de organizações feministas, promovida pela Universidade Livre Feminista uma metodologia em favor do empoderamento e exercício do protagonismo social das mulheres, uma vez que sua atuação está pautada no fazer coletivo e colaborativo, com a intenção de congregar, catalisar e fomentar ações educativas, culturais, artísticas; de produção de conhecimento e compartilhamento de saberes acadêmicos, populares e ancestrais, numa perspectiva contracultural feminista, antirracista e anticapitalista, apresentando-se como produtora e mediadora de conteúdos informacionais.

Segundo (Gomes, 2019) ao experimentar o processo de mediação, se pode refletir acerca da experiência, dos(as) interlocutores(as), refletir sobre o mundo e sobre si mesmo. Nessa direção, a ideia da ULF é trazer mudança com o saber, e uma transformação no compartilhamento de educação para mulheres feministas, por meio do compartilhamento de informações que visam a educação, a busca por uma autonomia das mulheres. A atuação da ULF caracteriza um percurso dialógico, formativo e político, pautado na construção coletiva, com vistas a dar voz às mulheres.

Desse modo, percebemos ser de extrema importância entender e compreender a ULF e de como ela é ativa no protagonismo social das mulheres, juntamente com a informação coletiva dando voz às mulheres. Nesta perspectiva abordamos, na próxima seção, o conceito de mediação consciente da informação de autores como Gomes (2014, 2016), considerando que as dimensões apresentadas pela autora trazem aspectos a serem aprofundados de modo que se possa fazer avançar no aspecto teórico que sustenta novas experiências do fazer informacional, sobretudo, “[...] no âmbito da ação mediadora do acesso, uso e apropriação a informação, voltada à formação do protagonismo social” (Gomes, 2014, p. 48).

O presente artigo no nível de sua abordagem, apresenta uma pesquisa de caráter qualitativo, por tratar de um enfoque para “[...] compreender a perspectiva dos participantes (indivíduos ou grupos pequenos de pessoas que serão pesquisados) sobre os fenômenos que os rodeiam [...]” (Sampieri, Collado; Lúcio, 2013, p. 376). Trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (Minayo, 2001). Quanto aos procedimentos técnicos utilizados para coletar os dados, caracteriza-se como bibliográfica e documental, tendo em vista o levantamento de dados nos documentos no portal da Universidade Livre Feminista, em especial o levantamento do material disseminado sobre as atividades as quais serão apresentadas nos resultados, com o objetivo de compreender como se dá a interface da mediação da informação e do protagonismo social, por meio do processo formativo para as mulheres.

O referencial teórico abordado utiliza-se da literatura nos campos da Ciência da Informação, da Mediação da Informação e do Protagonismo Social. Dentre os (as) autores(as) destacamos Henriette Ferreira Gomes (2014, 2019), Oswaldo Francisco de Almeida Júnior (2015, 2019); Gisele Rocha Côrtes (2015), João

Arlindo dos Santos Neto (2014), Maria Giovanna Guedes Farias (2014), entre outros (as) que vêm contribuindo para que os temas em voga ganhem relevância, sobretudo teórica.

2 MEDIAÇÃO CONSCIENTE DA INFORMAÇÃO: UM CONCEITO DINÂMICO EM FAVOR DO PROTAGONISMO SOCIAL

A mediação da informação tem se constituído em um dos temas de estudo relevantes na Ciência da Informação, especialmente no contexto dos sujeitos informacionais que se debruçam sobre questões sociais. Para direcionar as discussões aqui propostas, faremos uso da definição fundamentada por Almeida Júnior (2015) que destaca que a Mediação da Informação é:

[...] toda ação de interferência – realizada em um processo, por um profissional da informação e na ambiência de equipamentos informacionais –, direta ou indireta; consciente ou inconsciente; singular ou plural; individual ou coletiva; visando a apropriação de informação que satisfaça, parcialmente e de maneira momentânea, uma necessidade informacional, gerando conflitos e novas necessidades informacionais (Almeida Júnior, 2015, p.25).

É possível inferir, a partir do conceito cunhado por Almeida Júnior que a mediação da informação faz parte de um processo que insere um(a) mediador(a) que irá facilitar a busca, a apropriação e o uso dos sujeitos pela informação. Ou seja, há inevitavelmente o papel de um sujeito mediador(a). Sendo, assim, a mediação tem como objetivo levar para os sujeitos informações que agreguem valor naquilo que buscam de forma a favorecer os seus processos de interação e desenvolvimento pessoal e/ou coletivo.

Sendo a Mediação da Informação um processo em constante dialogia e troca, que inclui a interação entre sujeitos, conseqüentemente as experiências de ambos (as) os(as) interagentes são consideradas importantes, resultando

diretamente nas ações dos(as) mesmo (as). De modo que se observa que a informação socializada carrega consigo os valores do(a) mediador(a).

Portanto, nota-se que toda Mediação da Informação é influenciada pelo mediador, não sendo passiva, como afirma Almeida Júnior (2015), uma vez que é uma ação de interferência, seja de forma direta ou indireta, originando um repasse de informações, que nunca será neutro, dada a natureza da própria informação, que não é neutra, mas configura-se como um dispositivo de poder com potencial para elaborar sentidos (Côrtes; Alves; Silva, 2015).

A Mediação da Informação representa uma ação interacionista, um processo que envolve fatores relacionados ao autoconhecimento, à consciência e à formação e valorização do protagonismo, como instância valorizadora do coletivo, da ação e da conduta cuidadora e, portanto, balizadora da busca pela humanização do mundo (Gomes, 2014, p.53). No caso da Universidade Livre Feminista, a ação da mediação está intrinsecamente ligada à ação coletiva desempenhada pela mesma quando sua prática envolve o coletivo abarcando diferentes grupos na intenção de gerar mudanças e que favoreçam o protagonismo social das mulheres.

Gomes (2014, 2019) identifica cinco dimensões da mediação da informação, a saber: dialógica, ética, formativa, estética e política. A partir de suas respectivas definições, a **dimensão dialógica** mostra que a mediação ocorre por meio do diálogo, quando as práticas comunicacionais se efetivam resultando em um processo de compartilhamento. Processo em que a ação comunicativa é capaz de favorecer o desenvolvimento humano, uma vez que o sujeito tem a possibilidade do autoconhecimento e de conhecer o (a) outro (a) interagente do diálogo, “[...] o que é fortalecedor das relações sociais transformadoras” (Jesus; Gomes, 2019).

A **dimensão ética**, segundo Jesus e Gomes (2019, p.5), “[...] é identificada com o respeito à alteridade e com o reconhecimento da possibilidade de aprender com o outro, explorando as divergências e diferenças no diálogo”. Ou seja, nesta dimensão ressalta-se o cuidado no sentido de acolher considerando o respeito às diferenças no diálogo.

Na **dimensão formativa**, “[...]ocorrerá a busca pelas respostas que poderão potencializar o diálogo, a reflexão e a mudança de pensamento no e com o outro” (Jesus; Gomes, 2019, p.5). Nesse percurso entende-se que ambos (as) mediador (a) e mediando (a) estão sujeitos a sofrerem os impactos do processo de compartilhamento dos conhecimentos. Assim, na troca que acontece por meio da interação entre ambos há a possibilidade de transformação na realização da mediação.

Na **dimensão estética** prevalece, segundo Jesus e Gomes (2019, p.5), a promoção de “[...] relações de cumplicidade e empatia, onde os sujeitos se sentem participantes do processo colaborativo e criativo [...]”. Ainda na visão dos autores (as) essas relações são proporcionadas pelas “[...] condições de acolhimento e reconhecimento de si e dos demais interlocutores como sujeitos ativos, que também podem agir no processo mediador e criador[...]” (Jesus; Gomes, 2019, p.5).

Por fim, a **dimensão política** é observada quando há na mediação da informação o poder de transformação dos indivíduos em sujeitos conscientes. De acordo com Gomes (2019, p.7), “[...] essa tomada de consciência permite que no fazer mediador se alcance a **dimensão política** da mediação da informação”. Neste caso, o profissional apropria-se da “[...] condição de protagonista social, atuando em respeito aos fundamentos do trabalho informacional, aos interesses sociais e aos princípios de humanização do mundo” (Jesus; Gomes, 2019, p.7).

A articulação e o alcance das cinco dimensões favorecem que a mediação da informação se efetive e conseqüentemente impulse o exercício do protagonismo social. A mediação transforma os sujeitos e impacta diretamente nos resultados de busca e apropriação de uma informação. E essa apropriação da informação gera novos conhecimentos, e novas formas de competências. Nos últimos anos é possível perceber o avanço em pesquisas que apoiam estudos sobre mulheres e contribuem na vida destas. Sabe-se que mulheres sempre foram segregadas em todos os sentidos, principalmente pelo fato de serem mulheres.

A Universidade Livre Feminista favorece a apropriação da informação para o protagonismo social das mulheres, entendendo a apropriação da informação como um “[...] sustentáculo no processo de conscientização, de domínio, de domínio do conhecimento e de exercício da crítica, elementos essenciais à constituição do sujeito protagonista” (Gomes, 2019, p. 16).

Nestes termos, a mediação da informação está presente na ação da Universidade Livre Feminista junto às mulheres, sobretudo no processo formativo, uma vez que a mediação é possibilidade de identificação da realidade, e a relação entre sujeito e objeto é determinada pelo sistema social e político (Zanolla, 2012). Na seção seguinte sobre a ULF enfocamos mais sobre este processo.

2.1 PROTAGONISMO SOCIAL E EMPODERAMENTO DAS MULHERES

A história mostra que as mulheres sempre estiveram em uma posição de desvantagens em relação aos homens, especialmente pelas desigualdades de gênero reforçadas pelos marcadores sociais que marcam essa trajetória até os dias atuais: classe, raça, etnia e geração. Biroli (2018, p. 171) afirma que,

[...] isso significa levar em consideração as relações de gênero no cotidiano da vida social e os obstáculos informais à participação nos

espaços institucionais, tendo em mente que sua posição não se esgota nas relações de sexo ou gênero, mas é definida em conjunto com variáveis como classe, raça, etnia, sexualidade e geração.

São gerações e gerações de mulheres que convivem com diversas formas de desigualdades, acentuadas pelo machismo, pela misoginia, pelo capitalismo e pelo racismo fatores que geram exclusão e contrastes que se acentuam dependendo dos marcadores sociais da diferença especialmente gênero, raça e classe pela indissociabilidade.

As barreiras mostram-se mais espessas quando analisamos as condições de participação das mulheres mais pobres, das mulheres negras e indígenas, das trabalhadoras do campo (Biroli, 2018).

As desvantagens das mulheres em relação ao acesso à informação são apontadas em estudos, como por exemplo, que as mulheres acabam requisitando acesso à informação em menor proporção. Dados disponíveis no site da Controladoria-Geral da União, entre maio de 2012 e maio de 2016 revelam que “[...] as mulheres eram apenas 39,19% das pessoas que fizeram pedidos de informação junto ao Poder Executivo Federal” (Paes, 2016, p. 8). Um fator que se desdobra em fragilidade acarretada por causas como questões econômicas e de educação, sobretudo. São problemas apontados que vão desde a falta de acesso à educação, as restrições no acesso à tecnologia, o baixo nível econômico, “[...] além de outras barreiras sociais, acabam prejudicando o exercício do direito das mulheres de obter informação livremente (Paes, 2016, p. 8).

Entende-se que a situação exposta corrobora com as desigualdades enfrentadas pelas mulheres, portanto identificar os espaços de empoderamento das mulheres torna-se de extrema relevância, assim como reconhecer na apropriação da informação uma perspectiva de alcance e conseqüentemente transformação do conhecimento é um grande passo. Como ressalta Berth (2019, p. 46), “[...] o empoderamento como teoria está estritamente ligado ao trabalho

social de desenvolvimento estratégico e recuperação consciente das potencialidades de indivíduos vitimados pelos sistemas de opressão”.

O empoderamento das mulheres significa o processo da conquista da autonomia, da autodeterminação. Ou seja, o empoderamento traz inquietações em favor da libertação social de todo um grupo, a partir de um processo amplo e em diversas frentes de atuação, incluindo a emancipação intelectual (Sardenberg, 2006).

Para a emancipação do sujeito em qualquer nível, mas sobretudo o intelectual, torna-se fundamental a possibilidade de ter a informação como um direito, como observa Bárbara Paes (2021), responsável pela elaboração do guia “Acesso à informação e direito das mulheres”. A autora reconhece que “O acesso à informação é um direito instrumental para combater as desigualdades de gênero, especialmente no que tange à promoção de uma vida livre de violência e de discriminação” (Paes, 2016, p. 6).

A plena efetivação do direito à informação é um elemento chave para o combate à discriminação, e conseqüentemente a outras formas de violências e violações de direitos. “O acesso à informação possibilita que as mulheres tomem decisões mais informadas e eficazes relacionadas aos seus direitos, em áreas como educação, saúde, trabalho, direitos sexuais e reprodutivos (Paes, 2022, p.6-7).

No que tange às dimensões essenciais ao empoderamento, Baquero (2012, p. 174) aponta que:

[...]os debates sobre empoderamento apontam para duas dimensões essenciais a serem consideradas: a educativa e a política, uma vez que visões de mundo e de propósitos sociais diferenciados orientam as distintas concepções e ações de empoderamento.

São dimensões fundamentais que explicitam o compromisso da Universidade Livre Feminista na sua atuação, sobretudo na *práxis* educativa cujos

desdobramentos por meio dos cursos online, nas jornadas de formação, nas ações de ativismo por meio da arte podem ser percebidos e transformados em ação política, especialmente no enfrentamento às violações e violências impostas às mulheres.

O acesso à informação na perspectiva da modificação, da ressignificação, da transformação do conhecimento do indivíduo (Almeida Júnior, 2015), tem sido um destes elementos. Para Almeida Júnior (2015, p.97) “[...] a informação não dirime as dúvidas ou elimina incertezas. Ela exige a reconstrução do conhecimento na medida em que destrói certezas”. Em outras palavras, a informação leva o ser humano a um patamar qualificado porque faz lidar com a busca de interação com o (a) outro (a).

O potencial de transformação capaz de promover o protagonismo social ocorre nas instituições que realizam a mediação da informação para mulheres oportunizando a apropriação da informação capaz de gerar um processo que, de fato, proporcione mudanças na vida das mulheres, favoreça o seu protagonismo social.

E sobre o protagonismo, como afirma Almeida Júnior (2017, p. 53) “não podemos entendê-lo como algo a se buscar, acreditando que ele se dará, de maneira plena, total. Ao contrário, tem ele limites, entraves, obstáculos”. Há uma caminhada de muitos esforços no sentido de alcançar o protagonismo porque a sua ação depende da relação entre as pessoas.

Dentro dessa perspectiva, então, pode-se conceber a comunicação como um processo inerente ao compartilhamento de saberes, procedimento essencialmente caro ao fazer da educação, que dele se vale para apresentar conteúdos informacionais que sustentem as ações de geração do conhecimento, podendo provocar o surgimento de uma nova informação, quando quem produz

esse conhecimento, fazendo uso da ação de comunicação, pode potencialmente o representar por meio das diversas linguagens (Gomes, 2008, p.1).

Observamos que há um percurso para o alcance do empoderamento da mulher que está intrinsecamente ligado à função da mediação da informação. E considerando que a mediação da informação tem impactado de forma positiva as relações, sobretudo de interação das mulheres em favor de um processo de autonomia e empoderamento, como observamos na atuação da Universidade Livre Feminista, na seção a seguir apresentamos dinâmica de seu funcionamento e metodologia na qual observaremos nos cursos realizados e analisados para o presente artigo e a relação com a mediação da informação e o protagonismo social.

3 UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA: UMA METODOLOGIA PAUTADA NA MEDIAÇÃO DA INFORMAÇÃO NO CONTEXTO DE AÇÕES FEMINISTAS EM REDE

É possível perceber que ao longo dos últimos anos houve um avanço nos estudos relacionados às mulheres e a sua participação ativa dentro da sociedade e principalmente nos espaços de articulação promovidos por organizações ou movimentos feministas, bem como nas universidades e fora dela. Percebemos o feminismo como um dos principais eixos que alicerçam e embasam esses estudos, trazendo as mulheres para o foco das interseccionalidades de gênero, raça e classe.

De acordo com hooks (2019, p. 47), “Um problema crucial do discurso feminista reside em nossa incapacidade para chegar a um consenso sobre o que vem a ser o feminismo ou aceitar uma definição [...]”. Entendendo o “[...] feminismo enquanto movimento político radical” (hooks, 2019, p. 47-48). Porém o movimento feminismo tem buscado pela autonomia e pela emancipação,

corroboradas com ações que priorizam a luta feminista pelo fim da dominação patriarcal como frisa hooks (2019b, p. 61)

A luta feminista para acabar com a dominação patriarcal deveria ser de primeira importância para mulheres e homens em todo o mundo, não porque seja a base de todas as outras estruturas opressivas, mas porque é a forma de dominação que estamos mais propensos a encontrar de modo permanente na vida cotidiana.

A Universidade Livre Feminista tem atuado na perspectiva de enfrentamento às opressões vivenciadas pelas mulheres, como espaço para reflexão e a troca de experiências baseadas em práticas políticas e pedagógicas libertárias, tendo na mediação da informação uma para a transformação das mulheres por incentivar a produção do conhecimento, favorecer a conexão entre pessoas, fortalecer e colaborar para a expansão e criação artística, cultural e política das mulheres, além de ampliar os processos de construção política dos movimentos de mulheres (Universidade Livre Feminista, 2022).

No atual cenário de desmonte das políticas públicas, com cortes de investimentos em políticas, a exemplo da saúde, que afetam diretamente a vida das mulheres e de uma crise social e econômica aguçada pela pandemia da Covid 19, os dados revelam que as mulheres sofreram várias consequências em relação à saúde, mas sobretudo de ordem econômica.

O panorama vigente, em especial de crise política, com reflexo na vida social e econômica, o que o país experiencia um retrocesso na conquista de direitos, especialmente, na diminuição dos recursos em políticas públicas prioritárias como a saúde e educação. Mas temos em contrapartida o empenho de grupos e movimentos, a exemplo dos grupos articulados de mulheres e, mais amplamente, o movimento feminista, constatamos que experiências exitosas têm contribuído para a manutenção e para a transformação desse cenário. Como ilustração da desigualdade entre mulheres e homens no campo do trabalho, o IBGE aponta que

as mulheres recebiam, em 2018, 79,5% do total do salário de um homem, tendo uma carga horária semanal de apenas 4,8 horas menor. Isso sem contar os afazeres domésticos, que, apesar da modernidade, a jornada dupla fica, em sua maior parte, para a profissão não remunerada dona de casa (IBGE, 2021).

Observa-se que as mulheres têm uma rotina que não privilegia a efetivação se sua vida pública, considerando que em meio a tantas mudanças, observamos que em relação à questão do trabalho, as mulheres continuam sendo as que menos ganham comparado aos salários dos homens, mesmo ocupando as mesmas funções ou cargos, o que reflete na disparidade de gênero.

Diante desse quadro, há uma busca pela desconstrução de uma dominação histórica, imposta pela lógica patriarcal, da qual fala Bourdieu (2019). Assim, a Universidade Livre Feminista tem desempenhado um relevante papel no processo de formação pautado no compromisso com o rompimento de fundamentos baseados na "construção diversificada de conhecimentos e processos de contra hegemonia e contracultura ao patriarcado, ao racismo, ao etnocentrismo, à lesbo-homofobia e ao capitalismo" (Universidade Livre Feminista, 2022, online).

A Mediação da Informação pressupõe técnicas, instrumentos, suportes, recursos, agentes e processos que, como entendem Perrotti e Pieruccini (2007), deixam de representar simples artifícios de transferência de conteúdos informacionais passando a se constituírem em dispositivos geradores de sentidos (Gomes, 2014, p.51).

Pode-se assim entender que a mediação da informação abriga uma comunicação centrada na relação dialógica, caracterizando-se como uma ação compartilhada e colaborativa, na qual o profissional da informação desempenha o papel de agente mediador, mas não representa o único agente desse processo de comunicação.

3.1 OBJETO DE INVESTIGAÇÃO SOCIAL: A UNIVERSIDADE LIVRE FEMINISTA

Com o propósito de ser uma estratégia colaborativa de formação para mulheres, a Universidade Livre Feminista nasceu em 2009 como um projeto, uma estratégia de formação e promoção de atividades formativas do movimento feminista, na modalidade à distância, vislumbrando a utilização das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDIC), para ser um referencial de uso de uma metodologia sem o formato de aula tradicional. Um processo de construção coletiva com o intuito de fortalecer os coletivos de mulheres existentes nas cinco regiões do país. O mapeamento dos coletivos mostra a diversidade de grupos e movimentos que atuam na defesa dos direitos e em prol das políticas públicas para as mulheres.

A ULF tem a gestão compartilhada por três organizações feministas - o Centro Feminista de Estudos e Assessoria (Cfemea), uma organização não governamental feminista e antirracista, de caráter público e sem fins lucrativos, com 25 anos de atuação; a Cunhã Coletivo Feminista, uma organização social sem fins lucrativos, que atua na cidade de João Pessoa (PB), no Nordeste do Brasil, desde 1990, e cuja missão é de promover a igualdade de gênero, baseada na defesa dos direitos humanos, o feminismo, a justiça social e a democracia; e o SOS Corpo Instituto Feminista para a Democracia, uma organização da sociedade civil, autônoma, sem fins lucrativos, fundada em 1981, com sede na cidade de Recife, estado de Pernambuco, na Região Nordeste do Brasil. Como é um projeto colaborativo, a Universidade Livre Feminista é composta de mulheres que integram sua Rede de Colaboradoras, um grupo de 32 ativistas feministas (educadoras, artistas, trabalhadoras de ONGs, professoras universitárias, ativistas de movimentos, comunicadoras, entre outras), que atuam em diversos

espaços e, voluntária ou eventualmente contratadas, realizam ações e atividades dos projetos da Universidade.

A ULF atua em várias frentes e consolidou um trabalho que está alinhada ao pensamento de Piscitelli (2002, p. 10), ao afirmar que “as feministas trabalharam em várias frentes: criaram um sujeito político coletivo - as mulheres - e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a subordinação”.

E embora se apresente enquanto desafio, pelo fato da internet ser também um produto que impõe diversos limites para a expansão do seu acesso, imposta pela lógica mercadológica e pela concentração e poder econômico (Branco, 2019), por outro prisma, as tecnologias assumem grande importância como aliada no processo que busca alcançar o empoderamento e o protagonismo social das mulheres.

Essa atuação demonstra que em consonância com Alvarez (2014, p. 19) que afirma que “[...] o poder, os conflitos, as lutas interpretativas, as disputas político-culturais também são elementos constitutivos do campo feminista”. Observa-se que o processo formativo da ULF prioriza o conteúdo político, campos discursivos de ações movimentistas na perspectiva de minar as desigualdades de poder.

Nesses treze anos de atuação, a Universidade vivencia um processo constante de transformação e movimento, considerando as práticas e experiências compartilhadas de forma colaborativa, sempre com uma base comum, pautada na práxis educativa feminista e a pedagogia de Paulo Freire (Silva, 2020).

Sua proposta congrega, catalisa e fomenta ações educativas, culturais e artísticas e compartilha saberes diversos que gerem processos de autoafirmação, empoderamento e protagonismo social das mulheres. Por meio de atividades online e presenciais, a ULF desenvolve processos contínuos de formação política que almejam estimular a formulação de análises e métodos que fortaleçam a ação

política das mulheres, de modo que estas possam agir como sujeitos de suas vidas e contribuir para a construção de uma sociedade justa, igualitária, não hierárquica, criativa e libertária.

Por meio de uma metodologia que busca adaptar para o ambiente de Educação à Distância (EaD) elementos da práxis educativa feminista, levando em consideração as diferentes realidades das mulheres, valorizando as vivências e experiências de cada uma.

Diante de um contexto brasileiro em que, de um lado há uma crescente ofensiva conservadora e fundamentalista muito bem articulada e, de outro, processos difusos de resistência, faz-se essencial potencializar os processos de luta por direitos. De modo que se torna necessário articular e fortalecer as inúmeras iniciativas políticas feministas através do intercâmbio de experiências, da articulação em redes, da construção coletiva de novas e renovadas práticas políticas e, sobretudo, dos processos de formação (online e presencial).

Na gestão colaborativa que passa pela tomada de decisões dos processos pedagógicos, metodológicos e políticos, a Universidade conta com a **Coletiva Dinamizadora** que tem por função coordenar politicamente a Universidade Livre, reunindo esforços, fomentando diálogos, abrindo caminhos, angariando recursos, dando consistência e expandindo a rede da Universidade Livre Feminista. Atualmente é composta por feministas das três organizações que apoiam a Universidade Livre (CFEMEA, SOS Corpo e Cunhã Coletivo Feminista) e pelas integrantes da Secretaria Executiva, podendo vir a ser integrada por feministas da Rede de Colaboradoras, na perspectiva de renovação contínua.

Em relação ao funcionamento do processo colaborativo conta com a **Rede de Colaboradoras**, que consiste num grupo composto por feministas que atuam em diversos espaços - educadoras, artistas, trabalhadoras de ONGs, professoras universitárias, ativistas de movimentos, comunicadoras, entre outras - e que,

voluntariamente ou eventualmente contratadas, realizam atividades da Universidade Livre Feminista. A Rede de Colaboradoras também é composta pelas integrantes da Coletiva Dinamizadora e da Secretaria Executiva, constituindo-se assim como um grupo de referência política e diálogo para a definição das linhas de ação e políticas da Universidade. Anualmente são realizados encontros presenciais com a participação de todo o grupo, onde acontecem discussões políticas, realinhamentos estratégicos e pactuadas as ações a serem realizadas para o próximo período.

Para a efetivação das ações cotidianas, a Universidade conta com a **Secretaria Executiva** a qual é a responsável pela gestão dos processos desenvolvidos, integrando também a Coletiva Dinamizadora e a Rede de Colaboradoras. O trabalho diário da Secretaria assegura o funcionamento pleno dos portais e canais de comunicação e da Plataforma de Formação Feminista, contando para isto com o apoio de uma equipe de suporte tecnológico.

Diante de toda uma trajetória baseada na colaboração e compartilhamento de informações, percebemos a Universidade Livre Feminista como uma unidade e informação cujo propósito vai além de disponibilizar dados, documentos. Ela tem, sobretudo, a finalidade de qualificar a informação e transformar o conhecimento. Sobre essa finalidade, Moraes e Belluzzo (2004, p. 79) explicam que a informação se transforma em conhecimento quando o seu conteúdo é assimilado pelo indivíduo, “[...] sendo incorporado ao rol de experiências que fazem parte de sua memória e é utilizado para a busca de resolução de problemas, criação de ideias e tomada de decisões” (Moraes; Belluzzo, 2004, p.79).

Nesse contexto, a Universidade assume e cumpre o papel de mediadora da informação, abordado por Gomes (2014, p. 53). De acordo a referida autora:

Ao se admitir que a mediação da informação representa uma ação interacionista, na qual estão envolvidos fatores relacionados ao autoconhecimento, à consciência e à formação e valorização do

protagonismo, inevitavelmente emerge a discussão em torno da ética, como instância valorizadora do coletivo, da ação e da conduta cuidadora e, portanto, balizadora da busca pela humanização do mundo (Gomes, 2014, p.53).

Nesse universo de discussões a Universidade Livre Feminista assume a mediação da informação de forma a oportunizar às mulheres uma vivência de possibilidades de intervenção por meio da informação. Um processo que segundo Gomes (2019), ocorre na interrelação de alguns elementos em qualquer tipo de mediação, sobretudo da mediação da informação, o qual possibilita não apenas a produção como também o compartilhamento do conhecimento.

Mas, ainda de acordo com Gomes (2019), é indispensável observar que a "efetividade da mediação da informação ocorre por meio de cinco dimensões identificadas em seus estudos" (Gomes, 2019, p. 16). Vamos aprofundar sobre essas dimensões no capítulo que abordaremos sobre a mediação da informação, realçando as dimensões - dialógica, estética, formativa, ética e política - estudadas pela autora, considerando a defesa da mesma. Para ela, "[...] essas cinco dimensões da mediação da informação, se articuladas e alcançadas, tornam a mediação efetiva e propulsora do protagonismo social" (Gomes, 2019, p. 16).

Torna-se pertinente observar que a Universidade Livre Feminista não se estrutura ou se define como unidade de informação tradicional para a Ciência da Informação, a exemplo de uma biblioteca, entretanto situa-se como um sistema de informação.

A unidade informacional não é um espaço isolado, ilhado, alheio e isento de interferências. Todas as transformações sociais, de uma ou outra forma, influem e exigem posturas e mudanças tanto do espaço informacional, como dos que nele atuam e dos serviços implantados e oferecidos (Almeida Júnior; Bortolin, 2007, p. 7).

Sendo assim, enquanto sistema de informação, a Universidade Livre Feminista ocupa-se, de fato, em produzir e oferecer serviços informacionais em um nível distinto das bibliotecas. No entanto, o processo de mediação da

informação está presente e coloca-se em termos similares ao efetivado nas unidades de informação tradicionais, sobretudo porque como unidade informacional não é isolada e sofre interferências. Na seção seguinte apresentamos a metodologia e os resultados dos cursos realizados pela UFL entre os anos de 2020 e 2022, como forma de evidenciar sua dinâmica de atuação e a contribuição da mediação da informação para o protagonismo social das mulheres.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS

A partir do levantamento documental da Universidade Livre Feminista, analisamos as quatro atividades promovidas fazendo a relação dos conceitos levantados no referencial teórico para buscar a interface com a mediação da informação e protagonismo social das mulheres.

No quadro 1, a seguir, apresentamos as ações desenvolvidas entre 2020 e 2022 - Curso Navegando juntas pelos desafios da internet; Ciclo de Webinários Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital; Projeto Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo; e Campanha Navegando Juntas pelos Desafios da Internet.

Quadro 1 – Atividades realizados na Universidade Livre Feminista

ATIVIDADES	PERÍODO DE REALIZAÇÃO
Webinários - Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital	2020
Curso - Navegando juntas pelos desafios da internet	2021
Projeto - Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo	2022

Fonte: Dados da pesquisa (2022).

No atual contexto em que as atividades da ULF se tornaram todas efetivamente remotas, a realização dos eventos em análise foram fundamentais para continuar com o projeto colaborativo e formativo das mulheres. Os desafios

de acesso às tecnologias de informação e da comunicação passa a ser até um incentivo para que as ações sejam desenvolvidas na intenção de motivar e propiciar o conhecimento por meio do trabalho já desenvolvido pela ULF, inclusive uma forma de refletir sobre os passos futuros da Universidade que está completando 13 anos de atuação.

A realização das quatro atividades/ações seguiu uma dinâmica com o propósito de favorecer o debate sobre os desafios da internet na vida cotidiana, aproximando as mulheres da prática de acordo com suas realidades, considerando os desafios impostos pela pandemia, além de outras adversidades apontadas anteriormente em relação ao uso das tecnologias.

O Curso Navegando Juntas pelos desafios da internet surge com o objetivo de provocar um debate sobre os impactos da internet nas nossas vidas, contribuindo para a ampliação da reflexão crítica sobre o uso da internet, assim como melhorar a qualidade do uso das ferramentas disponíveis no nosso cotidiano (Universidade Livre Feminista, 2022). A realização do curso deu-se entre 23 de agosto e o dia 25 de outubro de 2021, dividido em cinco momentos denominados trilhas.

O projeto Prosa Feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo surgiu com o objetivo de dar visibilidade à produção de conhecimento das mulheres dentro da academia e/ou a partir dos coletivos e movimentos feministas e de mulheres (www.feminismo.org.br, 2022). Para conversas rápidas, em *lives* no Instagram, que ficam disponíveis para visualização no IGTV da Universidade.

Os webinários “Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital” aconteceram em quatro ciclos: o primeiro abordou a Educação Feminista à Distância, o segundo tratou sobre Formação Feminista nas Redes Sociais, o

terceiro discutiu sobre os Cuidados Digitais e o quarto debateu sobre a Acessibilidade na internet.

A campanha Navegando juntas pelos desafios da internet nasce da ideia de provocar um debate sobre os impactos da internet, sobretudo na vida das mulheres, com discussões em relação ao uso da internet e sobre cuidados digitais. As atividades supracitadas realizadas pela Universidade Livre Feminista mostram o cumprimento de seu propósito ao fomentar diálogos significativos sobre o impacto da internet na vida das mulheres e ao promover a conscientização sobre cuidados digitais.

A partir do que abordamos, a Universidade Livre Feminista dispõe de conteúdos formativos para apoiar a mediação da informação e é referência para promover o protagonismo social. Para além dos cursos formativos que foram a razão principal da ULF, a mesma tem proposto outras atividades no formato online como as atividades: Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital; Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo; Navegando juntas pelos desafios da internet.

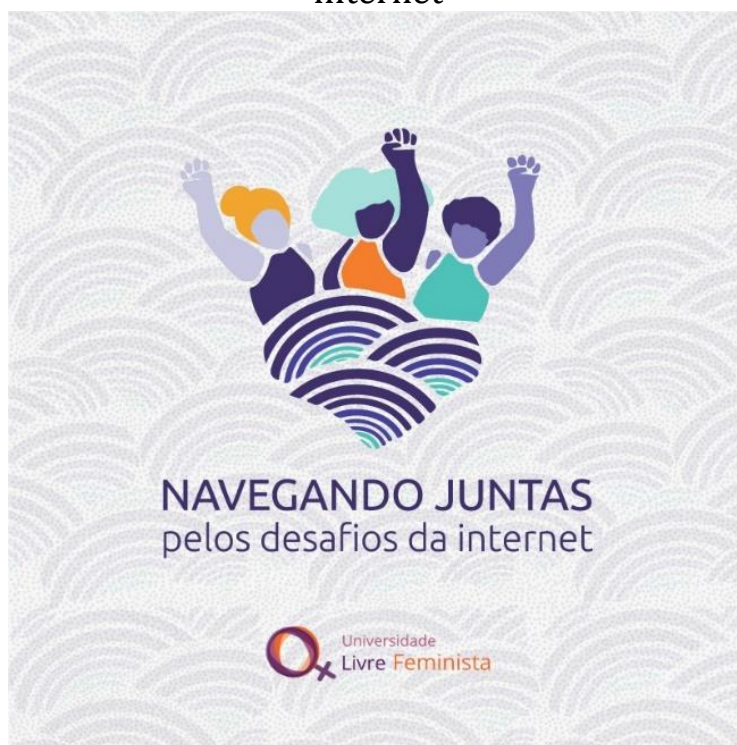
Ao entrelaçar os conceitos abordados no referencial teórico sobretudo sobre a mediação da informação, percebe-se que a mediação da informação se efetiva em todas as suas cinco dimensões: dialógica, formativa, ética, estética e política. Há na metodologia, mas sobretudo na missão da Universidade Livre Feminista a preocupação em tornar as ações desenvolvidas um processo que prioriza a interação com o (a) outro (a), inclusive na disponibilização dos recursos que guiam as atividades.

O Curso Navegando juntas pelos desafios da internet (Figura 1) buscou, como o próprio nome sugere, uma imersão no uso das tecnologias para entender sobre os obstáculos enfrentados pelas mulheres na sua utilização, bem como contribuir com para o uso das ferramentas digitais nem sempre de fácil domínio

pelas usuárias. Considerando que no período da pandemia da Covid 19 instaurada no nosso país, a relação com as tecnologias sofreu mudanças sobretudo de acesso. Uma grande questão a se pensar com a realização do curso foi sobre o lugar que as mulheres ocupam no uso das ferramentas tecnológicas.

A metodologia do curso contemplou a realização de livres, em encontros quinzenais com a abordagem dos conteúdos que versaram sobre: Entrelaçando redes: capitalismo, internet e saúde mental; Entrelaçando redes: quem manda na internet?; Entrelaçando redes: cuidados digitais e soberania tecnológica; e Entrelaçando redes: tecnologias, feminismos e mobilização política.

Figura 1 - Card divulgação do Curso Navegando Juntas pelos desafios da internet

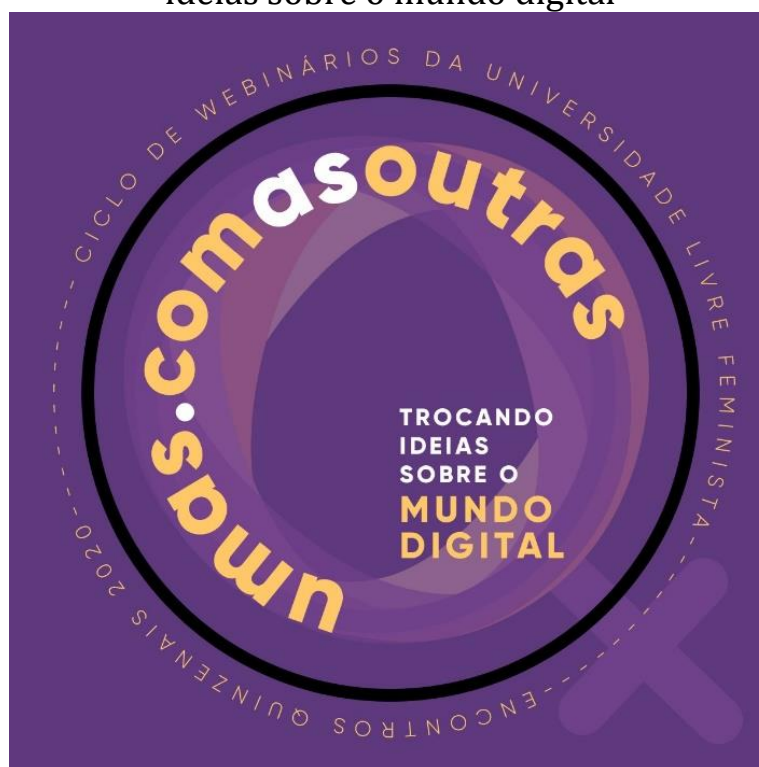


Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O Ciclo de Webinários Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital (Figura 2) constitui-se num espaço de debates construído pela Universidade Livre Feminista em parceria com a MariaLab e o Coletivo Helen

Keller com o intuito de gerar discussões sobre internet a partir de uma perspectiva feminista. O objetivo era que essas discussões pudessem nos ajudar a pensar sobre o futuro da ULF. Nos quatro módulos foram discutidos os temas: Educação Feminista à Distância; Formação Feminista nas Redes Sociais; Cuidados Digitais e Acessibilidade na internet, na perspectiva de promover um diálogo e troca de experiências vividas pelas participantes no seu cotidiano pessoal e coletivo.

Figura 2 - Card divulgação do Ciclo de *webinários* Umas com as outras: trocando ideias sobre o mundo digital



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

O projeto Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo (Figura 3) foi realizado com o objetivo de dar visibilidade à produção de conhecimento das mulheres que estão atuando na academia e/ou a partir dos coletivos e movimentos feministas e de mulheres. Nas prosas, a metodologia contemplou o diálogo entre as autoras/pesquisadoras feministas apresentando

os achados e dados de pesquisa. A metodologia foi implementada por meio de *lives* de trinta a quarenta minutos, no perfil do Instagram da Universidade Livre Feminista.

Figura 3 - Card da Prosa feminista: pesquisas de mulheres para mudar o mundo



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Inspirada no curso do mesmo nome realizado em 2021, a Campanha Navegando Juntas pelos Desafios da Internet teve sua metodologia realizada também de forma online, com o objetivo de promover um debate sobre os impactos da internet, além de favorecer para uma maior apoderamento no uso das ferramentas disponíveis, a exemplo das plataformas de pesquisa na internet, uso de aplicativos multiplataforma como o *WhatsApp* e *Signal*.

Como forma de tornar os conteúdos acessíveis e os espaços de troca atrativos, a metodologia contemplou o uso de diferentes plataformas digitais, dividida em cinco trilhas. E quem acessou teve à disposição indicações de leituras,

podcasts, vídeos, podcasts, manuais práticos sobre como utilizar algumas ferramentas básicas da internet.

Nesse universo, o qual privilegiou a informação voltado ao uso da internet, a atuação da Universidade Livre Feminista se dinamiza em várias frentes e consolidou um trabalho que se alinha ao pensamento de Piscitelli (2002, p. 10) de que as feministas "[...] criaram um sujeito político coletivo - as mulheres - e tentaram viabilizar estratégias para acabar com a subordinação". Um sujeito coletivo que aspira enfrentar a subordinação, buscando ferramentas teóricas para explicar as causas dessa subordinação, no caso em estudo, por meio da informação. Hoje, o site da ULF conta com cerca de 10.459 acessos mensais.

Em cada atividade promovida, a Universidade Livre Feminista presa e efetiva a mediação da informação na busca de promover a apropriação por parte das mulheres, no caso as mediandas no processo. Nesse sentido, trazemos Gomes (2019, p.16) ao afirmar que

Qualquer tipo de mediação, mas em especial a mediação da informação se caracteriza como um processo que se dá na interrelação de elementos técnicos, humanos, ambientais e semiológicos. Esses elementos são articulados, possibilitando tanto a produção quanto o compartilhamento do conhecimento.

Estabelecendo uma relação com as cinco dimensões da mediação da informação – dialógica, formativa, estética, ética e formativa, identificamos nas quatro ações analisadas que há a presença de três dimensões: dialógica, formativa e política, das dimensões propostas por Gomes (2019).

Na propositura das ações, a Universidade Livre Feminista enaltece a **dimensão dialógica** por favorecer o pensamento crítico nas participantes ao suscitar o debate sobre os desafios impostos pela internet, possibilitando uma reflexão e compreensão de como atuar para se apropriar das ferramentas tecnológicas de maneira que possa transformar o cotidiano em relação à

interação com os instrumentos disponíveis por promover o autoconhecimento no diálogo sobre as dificuldades enfrentadas pelas mulheres.

A **dimensão formativa** também está presente nas ações da ULF em questão. Verifica-se que a metodologia das ações foca na apropriação da informação por meio do uso de conteúdos acessados na perspectiva de resultar em conhecimento às participantes, tendo em vista que as informações socializadas serão vivenciadas no intuito de estimular mudanças no dia a dia das mulheres.

A possibilidade de transformação na realização da mediação respaldada na dimensão **formativa** (Gomes, 2019), também está presente no fazer da Universidade Livre Feminista, ou seja, na sua mediação da informação. Ainda a dimensão **política** se efetiva na mediação da informação da Universidade Livre Feminista quando vislumbramos os cursos, as campanhas realizadas com o potencial de transformar os indivíduos em sujeitos sociais conscientes. (GOMES, 2019). E por fim, não necessariamente seguindo uma lógica, a dimensão **dialógica**, defendida por Gomes (2019), alcançada por meio das práticas comunicacionais, no compartilhamento de informação entre os diferentes sujeitos sociais que participam do processo.

Na dimensão estética, a criatividade é relacionada ao respeito quanto às limitações do outro, por exemplo, nas escolhas dos livros que serão utilizados com os leitores em uma determinada faixa etária (crianças, adolescentes, jovens ou adultos) e na realização de ações em casas de repouso para idosos ou presídios.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo tem como escopo a conexão entre a mediação consciente da informação e a Ciência da Informação com um olhar voltado para a promoção do protagonismo social na perspectiva de uma organização feminista.

Buscamos enfatizar o processo de mediação da informação em três ações formativas - o Curso "Navegando Juntas pelos desafios da internet", o "Prosa Feminista" e "Umas com as Outras". Todas essas atividades foram conduzidas de maneira totalmente virtual, permitindo a participação de mulheres de diversas regiões do país. Cada atividade foi estruturada de acordo com seus objetivos específicos, com ênfase na promoção de discussões significativas sobre os desafios que a internet apresenta em nosso cotidiano.

Observamos enquanto resultados obtidos neste artigo uma sinalização para a efetivação da mediação da informação em três das cinco dimensões defendidas por Gomes (2019). Uma vez que a atuação da ULF está embasada no processo formativo na perspectiva feminista, antirracista e anticapitalista, o qual vem promovendo um processo que prioriza a mediação da informação por meio de uma metodologia que enfatiza o diálogo e a interação. Ao longo desses treze anos, a ULF busca dar continuidade a um fazer, que desde o início, alcança mulheres, sobretudo das bases, ou seja, que estão no cotidiano das organizações feministas, de diferentes contextos sociais, culturais e econômicos, respaldada na intersecção da raça, gênero e geração.

Vimos que a evidência dos fenômenos, acima citados, podem ser causadores da conscientização das mulheres ao que tange o seu espaço dentro da sociedade na qual elas mesmas podem se tornar protagonistas sociais das suas vivências contribuindo, com isso, para a mudança de realidades sociais e culturais sobretudo no cenário em que as tecnologias se tornam um divisor e acaba sendo um convite a imersão em sua apropriação e uso.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Mediação da informação: um conceito atualizado. *In*: BORTOLIN, Sueli; SANTOS NETO, João Arlindo dos; SILVA, Rovilson José da. (orgs.). **Mediação oral da informação e da leitura**. Londrina: ABECIN, 2015. 278 p.p.9-32.

ALMEIDA, Larisse Macedo de; FARIAS, Gabriella Belmont de. Concepção bibliotecária sobre mediação e competência em informação na educação de usuários. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 20., Florianópolis, 2019. **Anais [...]**. Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/485/538>. Acesso em: 24 abr. 2023.

ALVAREZ, Sonia E. Para além da sociedade civil: reflexões sobre o campo feminista. **Cadernos Pagu**, v. 43, p. 13-56, jan./jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-333201400430013>. Acesso em: 24 abr. 2023.

BAQUERO, Rute Vivian Angelo. Empoderamento: instrumento de emancipação social? – uma discussão conceitual. **Revista Debates**, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.173-187, jan./abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/debates/article/view/26722/17099>. Acesso em: 10 jun. 2023.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRANCO, Sophia. **Nas rodas e nas redes**: uso da internet por mulheres de movimentos populares. Brasília: Cfemea, 2020.

CÔRTEZ, Gisele Rocha; ALVES, Edvaldo Carvalho; SILVA, Leyde Klebia Rodrigues da. Mediação da informação e violência contra mulheres: disseminando dados quantitativos no Centro Estadual de Referência da Mulher Fátima Lopes. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 16., João Pessoa, 2015. **Anais [...]**. João Pessoa: UFPB, 2015. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/enancib2015/>. Acesso em: 22 maio 2022.

GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da informação, comunicação e educação na construção do conhecimento. **DataGramZero** - Revista de Ciência da Informação - v.9 n.1 fev. 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/3041>. Acesso em: 01 jun. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. Protagonismo social e mediação da informação. **LOGEION**: Filosofia da informação, Rio de Janeiro, v. 5 n. 2, p. 10-21, mar./ago. 2019. Disponível em: <https://revista.ibict.br/fiinf/article/view/4644/4048>. Acesso em 23 abr. 2023.

GOMES, Henriette Ferreira. A dimensão dialógica, estética, formativa e ética da mediação da informação. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 19, n. 2, p. 46 – 59, maio./ago. 2014. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/19994>. Acesso em 24 abr. 2023.

HERNÁNDEZ SAMPIERI, Roberto; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia de pesquisa**. Porto Alegre: Penso, 2013.

JESUS, Ingrid Paixão de; GOMES, Henriette Ferreira. A mediação da leitura no viés das dimensões da mediação da informação. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 20., Florianópolis, 2019. **Anais** [...]. Florianópolis: ANCIB/UFSC, 2019. Disponível em: <https://conferencias.ufsc.br/index.php/enancib/2019/paper/view/510/469>. Acesso em: 16 jul. 2023.

MAYER, Claudia. (org.). **Ciberfeminismo: tecnologia e empoderamento**. União da Vitória: Monstro dos Mares, 2017.


MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAES, Sylvia Helena Morales Horiguela de; BELLUZZO, Regina Célia Baptista. Informação, conhecimento e gestão de projetos: da sistematização de princípios à aplicação em ambientes acadêmicos para captação de recursos à pesquisa. *In: VIDOTTI, Silvana Aparecida Borsetti Gregorio. (coord.). Tecnologia e conteúdos informacionais: abordagens teóricas e práticas*. São Paulo: Pólis, 2004. 187p

PAES, Bárbara. **Acesso à informação e direito das mulheres**. São Paulo: Artigo 19 Brasil, 2016.

SARDENBERG, Cecília M.B. Conceituando "empoderamento" na perspectiva feminista. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL: TRILHAS DO EMPODERAMENTO DE MULHERES – PROJETO TEMPO*, 1., Salvador, 2006. **Anais** [...]. Salvador: NEIM/UFBA, 2006.

SILVA, Karolinne Victória; LEITE, Marcela Barbosa. O (re)conhecimento dos marcadores sociais da diferença como forma de combate às desigualdades: uma reflexão introdutória em torno do papel da educação. *In: CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO*, 7., Maceió, 2020. **Anais** [...]. Maceió, 2020.

Copyright: Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. 



✉ tpbci@ancib.org

📷 [@anciboficial](https://www.instagram.com/anciboficial)

🐦 [@ancib_brasil](https://twitter.com/ancib_brasil)